

A relação problemática entre as células malignas e o uso de radio e quimioterapia

A opinião a seguir, do Dr. José de Felipe Jr, graduado pela USP, fundamenta-se em paciente e apurada pesquisa científica. Por isso mesmo deve ser levada em conta. Ele levanta questões para uma reflexão mais aprofundada sobre os efeitos práticos e sobretudo o pressuposto lógico e metodológico da radioterapia/químico em relação às células cancerosas. Não é um texto com indicações práticas, mas aponta novos caminhos para uma reflexão sobre o câncer e seu tratamento.

No mínimo deve servir como estímulo para que aqueles que lidam com o problema, os médicos em primeiro lugar, passem a questionar sua postura usual e automática que é a de *naturalizar* tudo aquilo que a bilionária indústria do câncer propõe como se fosse a última palavra do que é bom e moderno. Com a palavra o dr. JFJ (em artigo de 4/10/2011):

“Todos os mecanismos de sobrevivência das células cancerosas, incluindo o sistema IGF¹, foram adquiridos pelas células normais durante o processo evolutivo, com a finalidade de se manterem vivas apesar das condições desfavoráveis do meio ambiente. As células malignas lançam mão de todos esses mecanismos adquiridos em milhões de anos de evolução simplesmente para sobreviverem. A quimioterapia e a radioterapia fatores de agressão do mais alto grau desencadeiam e exacerbam esses mecanismos de sobrevivência e tornam as células



que não morreram, resistentes ao tratamento subsequente. Devemos nos lembrar que as células cancerosas quando agredidas também aumentam a geração de outras substâncias como o fator de transcrição nuclear NF-KappaB o qual também é um fator de sobrevivência das células normais e que as células malignas sabem muito bem utilizar (Felippe – 2004 fevereiro).

As células cancerosas são carne da nossa própria carne apenas um pouco diferentes e por assim serem lutam com as armas das nossas próprias células normais para sobreviverem e portanto apresentam aguçados todos os mecanismos de proliferação celular, de

proteção apoptótica e ainda não respeitam o território sagrado das células vizinhas, invadem e tomam conta de novos territórios.

Entretanto as células normais estão em muito maior número e teriam condições de se defenderem se não tivessem sido pegadas de “surpresa” porque o hospedeiro, o ser humano constituído por elas, as maltratou contínua e ininterruptamente por muito tempo, até que um grupo se rebelou e começou a viver por si só: o câncer (Felippe – 2005b)

As medidas terapêuticas modernas que matam as células malignas ou queimando com a radioterapia ou intoxicando com a quimioterapia, em última análise estão selecionando células malignas resistentes e portanto mais aptas de tomarem conta do hospedeiro.

Muito mais racional é fazer com que as células rebeldes voltem ao convívio junto às células normais com medidas de diferenciação celular: matamos as células malignas irrecuperáveis e transformamos as não tão malignas em benignas. Podemos fazer tudo isso utilizando nutrientes e substâncias que fazem parte do nosso organismo, para fortalecer o nosso sistema de defesa e corrigir as alterações metabólicas que originaram essas células um pouco diferentes (Felippe- 2005c).

Os fatos descritos nesta revisão nos mostram que o sistema IGF deve ser considerado como um fator independente de risco de câncer e portanto não pode ser esquecido quando pretendemos ter sucesso no tratamento do câncer. Estratégias mais inteligentes devem inclui-

¹ Fatores de crescimento tumoral produzidos sobretudo pelo fígado mas também em outros tecidos; estimulam proliferação celular e inibem apoptose (morte celular).

lo nas medidas educadoras de diferenciação celular, usando de base substâncias íntimas da
nossa própria biologia".

GDantas, Brasília 14/11/12-----